

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA FALA DE PERNAMBUCO E DA BAHIA: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE À LUZ DA DIALETOLOGIA E DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE ÉMILE BENVENISTE

Daniele dos Santos Lima (UNICAP)
danlima02@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho irá analisar como ocorre a enunciação verbal nos dialetos baiano e recifense. O termo tempo recobre representações muito diferentes, que são as muitas maneiras de colocar o encadeamento das coisas, queremos mostrar que a língua conceitua o tempo de modo totalmente diferente da reflexão e que somente o verbo permite exprimir o tempo.

Com isso desejamos examinar este colocar em funcionamento da língua por um ato individual de utilização. Faremos uma analogia dos verbos e expressões verbais nas capitais Salvador e Recife, identificando as diferenças dialetais que existem nos verbos e seu significado, mostrando a possível relação subjetiva no uso dos verbos e expressões verbais nas capitais estudadas baseada na Teoria de Émile Benveniste.

A subjetividade é a capacidade do locutor se propor como sujeito. A língua em sua totalidade está submetida à subjetividade que caracteriza cada ato de enunciar. A enunciação, não é a língua, e sim aquilo que possibilita o seu emprego, este ‘tornar próprio de si’ que o locutor opera com a língua. A relação do sujeito com a língua passa pela questão da identidade do povo.

Dessa forma, a identidade cultural é importante para fazermos uma avaliação do sujeito sobre si em relação ao mundo, pois a enunciação é a língua em uso. A própria ideia de identidade cultural revela um construto de práticas históricas e conjunção/dispersão de discursos sobre a cultura e sobre a identidade, sendo que o sujeito marca, da forma que for, seu lugar na cultura e no próprio discurso sobre a cultura. É o sujeito que se marca na língua e a enunciação é um ato que não se repete.

A metodologia usada para este trabalho será baseada em leituras de livros e artigos relacionados à enunciação, ao verbo, a subjetividade, a intersubjetividade, a referência, também iremos utilizar os dicionários do Baianês, do Pernambuquês e do Nordeste.

2 DESENVOLVIMENTO

Nos anos 50, a filosofia francesa está dominada pelo projeto fenomenológico. Na filiação da obra de Husserl, cumpre retornar a intencionalidade da consciência. Essa postura fica muito atenta ao vivenciado, ao descritivo, ao conceito, e atribui à subjetividade uma preponderância manifesta. O projeto de Husserl consiste em fazer passar a filosofia do estágio de ideologia para o estatuto da ciência. Na Libertação, a fenomenologia na França era, sobretudo, sartreana e enfatizava a consciência, uma consciência transparente em si mesma. Por seu lado, Maurice Merleau-Ponty retoma o projeto de Husserl, mas orienta-o mais para a dialética que se trava entre sentido proferido e aquele que se revela nas coisas. Isso vai conduzi-lo a um diálogo cada vez mais íntimo com as ciências e o homem.

Em 1960 foi publicado pela Gallimard: *Signes*, o texto pelo qual Merleau-Ponty deu a conhecer aos filósofos os conceitos adquiridos pela linguística moderna e os avanços da antropologia. Nessa obra, de suprema importância para toda geração, Merleau-Ponty retoma uma comunicação que fizera em 1951, na qual mostra todo o interesse da obra de Saussure como inauguração da linguística moderna.

Se o estruturalismo engloba um fenômeno muito diversificado, mais do que um método e menos do que uma filosofia, ele encontra seu cerne, sua base unificadora no modelo da linguística moderna e na figura daquele que é apresentado como o seu iniciador: Ferdinand Saussure. Foi necessário, porém esperar a publicação do CLG (Curso de Linguística Geral) para assistir o nascimento da linguística moderna. Como se sabe, essa obra de Saussure é oral, ela resulta dos cursos que ele ministrou entre 1907 e 1911, e da coleta, depuração e ordenamento dos raros escritos deixados pelo mestre genebrino, assim como os apontamentos recolhidos por seus alunos: Charles Bally e Albert Séchéhayé, que publicam o CLG após a morte de Saussure em 1915. O essencial da demonstração consiste em fundamentar o arbitrário do signo, em mostrar que a língua é um sistema de valores constituído não por conteúdos ou produtos de uma vivência, mas por diferenças puras. O mestre genebrino oferece uma interpretação da língua que a coloca resolutamente do lado da abstração para melhor a separar do empirismo e das considerações psicologizantes. Funda assim uma nova disciplina, autonomizada em relação às outras ciências humanas: a linguística. A abordagem descritiva, a prevalência do sistema, a preocupação em remontar até as unidades elementares a partir de procedimentos construídos e explícitos, é a nova orientação, oferecida por Saussure, e que vai constituir o menor denominador comum de todos os movimentos estruturalistas.

Saussure fez, portanto, a escolha do signo contra o sentido, devolvido ao passado metafísico, escolha que converterá numa das características do paradigma estruturalista.

Na abordagem saussuriana há o fechamento da língua sobre si mesma. O signo linguístico une não uma coisa ao seu nome, mas um conceito a uma imagem acústica num vínculo arbitrário que remete a realidade, o referente, para o exterior do campo do estudo a fim de definir a perspectiva, por definição restrita, do linguista. O signo saussuriano só envolve, portanto, a relação entre significado (o conceito) e significante (imagem acústica), com exclusão do referente.

Flores (2007) diz que é o próprio Saussure que autoriza Benveniste a conceber a língua e a fala como dois planos constituintes da linguagem. Émile Benveniste foi um linguista de notório reconhecimento entre seus pares. Influenciado pelo comparativismo de Antoine Meillet e pela linguística de Ferdinand Saussure, sua notoriedade, já na metade do século XX, decorre da publicação de dois estudos magistrais do indo-europeu. No campo da enunciação, o reconhecimento de Benveniste se dá com a publicação dos dois tomos dos Problemas de linguística geral. O primeiro volume vem a público em 1966; o segundo, em 1974. Desde então, Benveniste é considerado o grande expoente da linguística da enunciação.

Benveniste, apesar de sustentar sua semântica em princípios estruturais, inclui os estudos da enunciação no objeto proposto por Saussure: introduz na linguística as noções de sujeito e de referência. Segundo Benveniste (2005, p. 286) “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’”.

Para D’Ávila (2004, p. 155) “O sujeito da enunciação benvenistiano é um sujeito linguístico: é a representação daquele que fala e, dessa forma, deve ter pessoa, tempo e lugar. É sempre um *eu*, que tendo um *tu*, opera, durante o processo de enunciação.” Émile Benveniste em seu livro Problemas de Linguística Geral II, no capítulo intitulado: aparelho formal da enunciação define enunciação da seguinte maneira:

O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala. Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 84)

Para Flores (2013, p. 37) “Enunciar é converter a língua em *discurso*, logo, este é produto daquela.” Segundo Flores et al. (2009, p. 102) “A noção de enunciação, entendida como uso da língua, pressupõe um quadro enunciativo, que se configura por sujeitos – o par

eu-tu-, ou seja, a noção de pessoa – e situação – o espaço e tempo.” Ao par eu/tu, Benveniste (2005, p.255) chama de correlação de subjetividade: “O que diferencia ‘eu’ de ‘tu’ é, em primeiro lugar, o fato de ser, no caso de ‘eu’, *interior* ao enunciado e *exterior* a ‘tu’, mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo”. A subjetividade é a capacidade do locutor se propor como sujeito. A língua em sua totalidade está submetida à subjetividade que caracteriza cada ato de enunciar. A enunciação, não é a língua, e sim aquilo que possibilita o seu emprego, este ‘tornar próprio de si’ que o locutor opera com a língua.

Todo homem se coloca em sua individualidade enquanto eu por oposição a tu e ele. Aquele que fala se refere sempre pelo mesmo indicador eu a ele mesmo que fala. O ato de discurso que enuncia o eu aparecerá, cada vez que ele é reproduzido, como o mesmo ato para aquele que o entende, mas para aquele que o enuncia, é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos.

De acordo com Flores (2012), o homem está na língua e estar na língua é a enunciação. O indivíduo faz uso das palavras, sem parar para pensar nelas, sem ter a consciência do seu ato, de sua enunciação. E a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. A enunciação inclui no seu escopo a língua e a fala, isto é, o ato que um sujeito realiza ao comunicar os seus pensamentos. O sujeito ao enunciar faz um uso individual e único do sistema linguístico. O objetivo da nossa pesquisa é investigar a enunciação verbal nos dialetos soteropolitano e recifense. O termo tempo recobre representações muito diferentes, que são as muitas maneiras de colocar o encadeamento das coisas, queremos mostrar que a língua conceitualiza o tempo de modo totalmente diferente da reflexão e que somente o verbo permite exprimir o tempo.

O verbo segundo Azeredo (2008, p. 180) “é a espécie de palavra que ocorre nos enunciados sob distintas formas (vocábulos morfossintáticos) para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa.” Além disso, o verbo, em todas as suas categorias (aspecto, tempo, pessoa, gênero) apresenta um modo de significação subjetivo ou um modo de significação objetivo, se fizer parte de um discurso contendo eu ou contendo ele respectivamente. Ou seja, além da categoria de pessoa, as categorias de tempo e espaço partilham do mesmo status linguístico e figuram como pertencentes ao discurso. A ideia de discurso como produto da enunciação está presente no PGL II:

O presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso, e a partir deste presente contínuo, coextensivo à nossa própria presença, imprime na consciência o

sentimento de uma continuidade que denominamos ‘tempo’; continuidade e temporalidade que engendram no presente incessante da enunciação, que é o presente do próprio ser que se delimita, por referência interna, entre o que vai se tornar presente e o que já não é mais. (BENVENISTE, 1989, p. 85-86)

Benveniste (1989) informa que esta relação com o tempo merece que aí nos detenhamos, que meditemos sobre sua necessidade, e que interroguemos sobre o que fundamenta. A temporalidade é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce o tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo.

Vejamos o que Émile Benveniste fala sobre o uso verbo no livro Problemas de Linguística Geral I:

[...] o mesmo verbo, segundo seja assumido por um ‘sujeito’ ou esteja colocado fora da ‘pessoa’, toma um valor diferente. É uma consequência do fato de que a própria instância de discurso que contém o verbo apresenta o ato, ao mesmo tempo em que fundamenta o sujeito. Assim, o ato é cumprido pela instância de enunciação do seu ‘nome’ [...] ao mesmo tempo em que o sujeito é apresentado pela instância de enunciação do seu indicador (que é ‘eu’). (BENVENISTE, 2005, p. 292-293)

Dessa forma, este trabalho sobre a enunciação verbal nos dialetos baiano e recifense pretende verificar qual é a relação entre o dialeto e o sujeito na enunciação verbal? E como a linguística da enunciação pode contribuir para o estudo das identidades culturais? Com isso desejamos verificar este colocar em funcionamento da língua por um ato individual de utilização. Fazendo uma analogia dos verbos e expressões verbais nas capitais Salvador e Recife, identificando as diferenças dialetais que existem nos verbos e seu significado, mostrando a possível relação subjetiva no uso dos verbos e expressões verbais nas capitais estudadas.

Para estudar os aspectos semânticos, iremos analisar o que mencionam Normand (2009) e Ferrarezi e Basso (2013), pois o modo dialetal pode marcar o sujeito que fala, ou seja, o dialeto pode vir a representar a enunciação do sujeito (ou de um grupo), uma vez que ao ‘selecionar’ um aspecto lexical regional em oposição a outro o sujeito faz uso da língua e a coloca em funcionamento.

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a

condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma consequência pragmática. (BENVENISTE, 2005, p. 286)

A escolha em estudar a classe dos verbos foi pelo seguinte: Benveniste tem uma discussão da relação do espaço, tempo e pessoa, e o verbo também trabalha com o espaço, o tempo e a pessoa. Sendo que a pessoa de Benveniste é diferente da pessoa do verbo. O tempo benvenistiano também é diferente do tempo verbal. Para Benveniste (2005, p. 289): “A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso”. Ele também informa que devemos tomar cuidado; não há outro critério nem outra expressão para indicar ‘o tempo em que se está’ senão tomá-lo como ‘o tempo em que se fala’. Esse é o momento eternamente ‘presente’, embora não se refira jamais aos mesmos acontecimentos de uma cronologia ‘objetiva’ porque é determinado cada vez pelo locutor para cada uma das instâncias de discurso referidas. O tempo linguístico é *sui-referencial*. Em última análise, a temporalidade humana como todo aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem.

Além disso, decidimos investigar os dois dialetos (soteropolitano e recifense), pois a relação do sujeito com a língua passa pela questão da identidade do povo, a identidade cultural é importante para fazermos uma avaliação do sujeito sobre si em relação ao mundo; pois a enunciação é a língua em uso. As linguísticas da enunciação podem contribuir para o estudo das identidades culturais. A própria ideia de identidade cultural revela um construto de práticas históricas e conjunção/dispersão de discursos sobre a cultura e sobre a identidade, sendo que o sujeito marca, da forma que for, seu lugar na cultura e no próprio discurso sobre a cultura. É o sujeito que se marca na língua e a enunciação é um ato irrepetível.

Iremos analisar alguns verbos presentes nos Dicionários do Baianês (LARIÚ, 1991), do Pernambuquês (BERNARDINO, 2002) e do Nordeste (NAVARRO, 2013). De acordo com Benveniste (1989, p. 20) “a língua compõem-se de elementos isoláveis [...] São estes elementos que os dicionários catalogam e, ao lado de cada um deles, colocam uma definição, dão, pois, o que eles chamam de sentido”. É importante levarmos em consideração que, hoje em dia, com o aprimoramento das tecnologias os indivíduos se locomovem constante e rapidamente de uma região para outra e, através desta locomoção, ocorre à interação com indivíduos de outras culturas. É necessário que o indivíduo entenda que sua maneira de falar não é inferior ou superior a de outra localidade, são apenas diferentes.

Os estudos dialetológicos são importantes, para fazermos um percurso da trajetória histórica e dos contrastes existentes nos dialetos soteropolitano e recifense, analisando as diferenças dialetais existentes entre os verbos e expressões verbais na realidade sociocultural

das cidades selecionadas. Pois qualquer língua com um número significativo de falantes possui o seu dialeto e principalmente se houver barreiras geográficas separando um grupo de pessoas. Ferreira e Cardoso (1994, p.12), pesquisadoras baianas na área de Dialectologia no Brasil, afirmam que: “os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira”.

Ferreira e Cardoso (1994, p.19), acrescentam que: “A dialectologia não deve ser confundida com a geografia linguística ou geolinguística, pois esta é um método utilizado pela dialectologia”. Cardoso (2001) em seu artigo Dialectologia: Trilhas seguidas, caminhos a perseguir diz que: “A Geolinguística, como a própria denominação lhe impõe e a natureza dos dados que busca reunir exige, permanece, na sua essência, diatópica sem porém, descurar do aspecto multidimensional de que se reveste o ato de fala”. Sendo assim, a história dos estudos dialectais vem demonstrando que a visão diatópica não está desacompanhada da perspectiva social na metodologia a ser seguida pela geolinguística.

Nas abordagens dialectológicas e sociolinguísticas preveem uma semelhança na fala (os falantes precisam falar ‘parecido’, pois é a partir daí que se estabelece os limites). A dialectologia se ocupa e dá conta do aspecto mais puramente linguístico. A noção de língua é diferente para as abordagens dialectológicas e para as abordagens enunciativas. Na abordagem dialectológica o falante é categorizado de acordo com as marcas fonológicas do seu dizer. Nas abordagens enunciativas, diferentemente, principalmente pela contribuição da intersubjetividade e subjetividade na língua de Benveniste, é o sujeito que se marca na língua e a enunciação é um evento que não se repete.

3 CONCLUSÃO

Como podemos perceber Émile Benveniste foi um linguista de notório reconhecimento entre seus pares. Influenciado pelo comparativismo de Antoine Meillet e pela linguística de Ferdinand Saussure. Benveniste, apesar de sustentar sua semântica em princípios estruturais, inclui os estudos da enunciação no objeto proposto por Saussure: introduz na linguística as noções de sujeito e de referência.

Além disso, é possível perceber que o indivíduo faz uso das palavras, sem parar para pensar nelas, sem ter a consciência do seu ato, de sua enunciação. E a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. A enunciação inclui

no seu escopo a língua e a fala, isto é, o ato que um sujeito realiza ao comunicar os seus pensamentos. O sujeito ao enunciar faz um uso individual e único do sistema linguístico.

A relação do sujeito com a língua passa pela questão da identidade do povo, a identidade cultural é importante para fazermos uma avaliação do sujeito sobre si em relação ao mundo; pois a enunciação é a língua em uso. As linguísticas da enunciação podem contribuir para o estudo das identidades culturais. A própria ideia de identidade cultural revela um construto de práticas históricas e conjugação/dispersão de discursos sobre a cultura e sobre a identidade, sendo que o sujeito marca, da forma que for, seu lugar na cultura e no próprio discurso sobre a cultura. É o sujeito que se marca na língua e a enunciação é um ato irrepetível.

Os estudos dialetológicos são importantes, para fazermos um percurso da trajetória histórica e dos contrastes existentes nos dialetos soteropolitano e recifense, analisando as diferenças dialetais existentes entre os verbos e expressões verbais na realidade sociocultural das cidades selecionadas. Pois qualquer língua com um número significativo de falantes possui o seu dialeto e principalmente se houver barreiras geográficas separando um grupo de pessoas.

A noção de língua é diferente para as abordagens dialetológicas e para as abordagens enunciativas. Na abordagem dialetológica o falante é categorizado de acordo com as marcas fonológicas do seu dizer. Nas abordagens enunciativas, diferentemente, principalmente pela contribuição da intersubjetividade e subjetividade na língua de Benveniste, é o sujeito que se marca na língua e a enunciação é um evento que não se repete.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARESI, Fábio. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *ReVEL*, v.9, n.16, 2011.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BERNARDINO, Bertrando. *Minidicionário de Pernambuco*. 3. ed. Recife: Bagaço, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetoлогия: Trilhas seguidas, caminhos a percorrer. *DELTA*, 17, N. Especial, 2001.

D'ÁVILA, Nerci. A enunciação em Benveniste e em Ducrot. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.39, n.4. p. 151-162, dez. 2004.

COMITÊ NACIONAL. Atlas Linguístico do Brasil. *Questionários*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1945-1966. v. 1.

FERRAREZI Jr.,C.; BASSO, R. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo. Contexto, 2013.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FLORES, V. do N.; ENDRUWEIT, M.L. A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste. *Revista MOARA*. Pará, n. 38, p. 196-208, jul./dez. 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. et al. *Enunciação e gramática*. 2. ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. *Dicionário de linguística de enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FREITAS, Luis Felipe Rhoden. A identidade cultural na interface com os estudos enunciativos e discursivos. *Anais do SITED*, Porto Alegre,RS, p. 322-330, set. 2010.

LARIÚ, Nivaldo. *Dicionário de Baianês*. 2. ed. rev. e ampliada. Salvador: Copyright, 1992.

NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*. 2. ed. Recife: Cepe, 2013.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. 1ª. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.